

A emergência das práticas esportivas em Curitiba: O Turfe e a Pelota Basca

MARCELO MORAES E SILVA*

Considerações Iniciais

Hoje as práticas esportivas são acontecimentos corriqueiros e banais presentes nas principais cidades do país e do mundo. São manifestações que levam multidões aos espaços de jogos, movimentam volumosas quantias de dinheiro, além de despertar curiosidade, emoção e interesse de milhões de indivíduos, sejam eles espectadores ou praticantes de determinadas modalidades. Contudo, tais elementos nem sempre foram assim, a consolidação do Esporte foi um processo que foi aos poucos se consolidando nos espaços citadinos. É este o tema que versa o presente trabalho: entender e compreender como se deu a emergência das práticas esportivas numa importante cidade brasileira.

Os primeiros passos das práticas esportivas em Curitiba se deram através de duas modalidades: o Turfe e a Pelota Basca. Foram os primeiros divertimentos com esse caráter a se materializarem com mais ênfase na capital paranaense, sendo por meio deles que se produziram imagens de espectadores, esportistas, além de contribuírem para o desenvolvimento de uma cultura física e da prática de outras modalidades esportivas.

Para compreender a emergência esportiva em Curitiba foi escolhida como principal aporte documental os jornais curitibanos da virada do século XIX para o XX. A importância destes relaciona-se à sua especificidade como veículo de circulação de ideias e representações acerca das práticas esportivas. (LUCENA, 2001; MELO, 2001; CAPRARO, 2004).

O Prado e o Frontão: os primeiros espaços esportivos de Curitiba

As primeiras manifestações esportivas, que surgiram em Curitiba, seguiam o mesmo padrão de outras urbanidades brasileiras. Apesar de os jornais curitibanos noticiarem em suas páginas a presença de outras práticas como o remo, o ciclismo, o

* Mestre em Educação UFPR e Doutorando em Educação UNICAMP.

tênis, o futebol e o pedestrianismo, foram o Turfe e a Pelota Basca¹, as modalidades que, em um primeiro momento, receberam uma atenção mais detalhada da imprensa curitibana. Foi no espaço do “Prado do Guabirotuba” e do “Frontão Curitybano”, que divertimentos esportivos foram sendo estabelecidos na capital paranaense.

Lucena (2001) e Melo (2001) lembram que o Turfe foi a primeira prática esportiva do país. Muito apreciado no Rio de Janeiro, o Turfe chega a Curitiba com formato semelhante ao da capital do Brasil. O mesmo aconteceu com a Pelota Basca, entretanto, apesar de se encontrar indícios da presença do jogo basco em diversas cidades brasileiras não se encontram muitos estudos e relatos sobre a prática do jogo de pelotas.

A Pelota Basca foi praticada em um espaço denominado “Frontão Curitybano”, localizado na Rua Aquidaban, região privilegiada do centro da capital paranaense. Constitui-se num importante *lôcus* de sociabilidade de Curitiba, ajudando, embora em escala menor que o “Prado do Guabirotuba”, a emergir o esporte na cidade. Diferentemente do “Frontão Curitybano”, iniciativa de vários capitalistas, em sua maioria de origem imigrante, o “Jockey Club do Paraná” foi criado sob a proteção dos governantes, contando com o incentivo e apoio das elites locais. A associação primeiramente denominada “Club Paranaense de Corridas” foi fundada em dezembro de 1873, por Luiz Jacome de Abreu, um oficial da cavalaria imperial. Nascido no Rio Grande do Sul e grande amante de cavalos, este oficial do exército atendeu à determinação de Dom Pedro II, permanecendo na província do Paraná por 73 dias, com o objetivo de organizar e oficializar a fundação da associação e a construção do primeiro hipódromo do Paraná: “O Prado Jacome”. A sua localização foi onde atualmente encontra-se o Asilo Nossa Senhora da Luz, na Rua Marechal Floriano, próximo da Avenida Kennedy.

O objetivo com a criação do primeiro hipódromo era o de inserir Curitiba,

1 A Pelota Basca se refere a um jogo de origem basca, região localizada no norte da Espanha. Pode ser jogado individualmente ou em duplas, e existem três tipos: a “pelota a mano” (quando jogada com as mãos); “pelota a pala” (quando é utilizada uma pá); e a “cesta a ponta” (quando o praticante amarra no braço uma haste de até 60 cm, que tem em sua extremidade uma espécie de cesta, na qual a bola é apanhada e arremessada). Em todas as regras são as mesmas. Os jogadores têm de atirar a pelota contra um frontão, duas paredes que formam um ângulo de noventa graus (daí o jogo no Brasil também ter recebido o nome de Frontão), acima de uma linha que varia entre noventa centímetros e um metro de altura. Ao voltar, a pelota só pode tocar no solo uma vez. A contagem vai até 12 pontos. É uma prática esportiva notória por receber apostas durante as partidas – por isso, foram proibidas no Brasil em 1941.

mesmo que atrasadamente, conforme aponta Capraro (2004), no esforço civilizatório por qual passava o Brasil. Esse sentimento civilizatório pode ser visualizado na matéria publicada no “Dezenove de Dezembro”, que comenta a primeira corrida oficial de cavalos, realizada em Curitiba:

(...) perante numerosa concurrencia, inaugurou-se o Prado Jácome. O campo onde se traçou a raia foi escolhido com felicidade, pois sendo suavemente ondulado, satisfaz a todos os requisitos para bem julgar-se da força muscular e do poder dos pulmões dos cavallos. Sua extensão é de mil e setecentos metros, que corresponde a uma milha inglesa, ou doze e meia quadras. O Professor Jácome, o protagonista desta festa de progresso, montando em seu sábio Sanhassu, sempre amável e cavalheiro como todos conhecem, era incansável, dispensando conhecimento e dirigindo os amadores e espectadores em ordem a evitar todo e qualquer perigo (...) Foram juizes - da partida o sr. José Moreira de Freitas; da chegada o sr. Mota Junior e da raia os srs. Alferes Bonoso, Assis Teixeira, Bento Osório e Candido Lopes. Três pares de quatro cavallos cada um tiveram logar. Foi vencedor do primeiro o Graça, do sr. Tenente Coronel José Bittencourt, do segundo Boro, do sr. Gaspar e do terceiro o Rivadavia, do sr. Nestor Borba. O ultimo porem, excitou o entusiasmo pela novidade. O sr. Arthur Browne, conhecedor do estylo inglez de corridas, colheu todas as palmas, resumiu todas as glórias do dia. Montando no Rivadavia, o mais bello typo do nosso cavallo, fez prodígio de adresse, mostrou a maneira porque um bom jockey governa, excita e ajuda o cavallo de corrida. Surpreendeu o povo que não conhecia senão as carreiras do paiz no cavallo em pello com o cavaleiro quasi nu. O Club de Corridas Paranaense assentou neste dia a pedra fundamental de um grande edificio, instituindo o tribunal de julgamento seguro dos melhores garanhões e egoas (...). (DEZENOVE DE DEZEMBRO, 31/01/1874, p.1).

Os frequentadores do Prado poderiam manter o amor às apostas e aos cavalos e, ainda, mostrar traços de distinção social, visto que a prática passava a ser controlada por dispositivos institucionais, presentes nos hipódromos. Esta intenção de utilizar o Turfe vinha desde a emancipação da província, em 1853:

Hum meio há, grandemente eficaz, de estimular e promover melhoramentos nesse ramo de industria, em os paizes que lhe dão devida importância: refirme aos hippodromos, ou praças destinadas às corridas e exercícios à cavallo. As <<corridas>> de que mostram-se tão apaixonadas os filhos desta província serão hum útil arremedo dos hippodromos, se deixando de ser hum puro jogo como presentemente são, tivessem diversa direção e se realizassem debaixo de outras vistas. O que são as corridas presentemente? Huma occasião de apostas e rixas, e malquerenças entre o povo, e nada mais. (GÓES DE VASCONCELOS, 1854, p. 72).

O relatório escrito pelo conselheiro mostra que o objetivo era a eliminação das corridas populares, que ocorriam em todo Paraná. Marcassa (1989) salienta que estes divertimentos, denominados Cancha Reta, aconteciam com frequência na Curitiba da

virada do século XIX para o XX, principalmente nos bairros do Portão, Boa Vista, Bacacheri, Capão da Imbuia e até mesmo em regiões mais centrais. Nestas corridas populares, em virtude de um grande volume de apostas a dinheiro, aconteciam uma série de comportamentos considerados incivilizados, como brigas e confusões:

Hontem, em umas corridas de cavallo no Bacachery, Guilherme Cazins, inteiramente embriagado, cavalgou o seu animal por meio do povo, indo pizar uma pobre menina. A menor ficou bastante contundida, e hoje foi examinada pelo medico legista, dr. Loyola. (DIÁRIO DA TARDE, 1º./04/1901, p.2).

Eram costumes semelhantes ao relatado que necessitavam ser eliminados das ruas da capital paranaense; e a construção de espaços físicos delimitados, como o hipódromo, poderia ajudar a educar os corpos, dentro dos princípios de uma cidade civilizada, assim como ocorria nas principais urbanidades da Europa e do país. Esse esforço civilizador já era exaltado como o ideal a ser seguido desde a época da emancipação da província, em 1854:

Entretanto as corridas poderião ser mais do que simples entretenimento de curiosos e jogadores, e puros exercícos de equitação, poderião (e esse seria o seo melhor resultado) produzir emulação entre os fazendeiros ácerca da criação de cavallos mais fortes e ligeiros, se em vez de se fazerem quando apraz à cada hum, em discórdia e anarchia, como agora nos meios dos campos, tivessem lugar em cada município somente durante certo período, com regularidade, e na presença de pessoas autorizadas a decidir de que lado declarou-se o triumpho, e se ao fazendeiro, em cujos campos nascesse o cavallo reputado melhor, se outorgasse hum premio ou gratificação qualquer, que fosse, como em outros paizes disputado mais pela honra do que por seo pequeno valor. (GÓES DE VASCONCELOS, 1854, p. 73).

Como pode ser visto, foram aproximadamente vinte anos para a construção do primeiro Prado em Curitiba, embora as corridas de cavalos acontecessem com grande frequência em diversos espaços da capital paranaense. (MARCASSA, 1989). Essa nova configuração mais esportivizada visava deixar as corridas populares no esquecimento, valorizando e inventando uma nova tradição:

O Jockey-Club realisa amanhã importantíssima corrida no seu prado (...). A animação deve ser grande de tal a importancia dos animaes que figuraram nos pareos. É preciso que o publico anime o movimento dos poules, desprezando o velho habito de apostas particulares que faz muito lembrar as antigas corridas de raias em que viam-se os entusiastas deste ou d'aquelle animal sacudindo uma pelega e desafiando adversarios em altos brados. O beneficio das poules é que da vida ao prado e ao magnifico passatempo publico. (DIÁRIO DA TARDE, 17/03/1900, p.1 – grifos meus).

Além de eliminar comportamentos considerados inapropriados, o Turfe seria um importante meio de distinção. Apesar de não ter o mesmo *glamour* do hipódromo, o “Frontão Curitybano” visava representar um espaço de produção deste novo indivíduo. Em ambos os casos, seja através das *quiniellas* (nome dado às partidas de Pelota Basca) ou nas corridas de cavalo, existia uma grande quantidade de apostas (*poules*). Assim, membros da sociedade curitibana iam para assistir, torcer e apostar em seus cavalos e pelotários favoritos. Gradativamente, tais práticas começam a cair no gosto da população curitibana e, com isso, espaços de sociabilidades típicas da urbanidade civilizada passaram a se mostrar insuficientes, para uma cidade do porte de Curitiba. Obras, ampliações, melhoramentos e novos projetos começaram a ser realizados nos locais onde aconteciam estes divertimentos esportivos. Em 1897, inicia-se a construção do “Prado do Guabirotuba”. Tal empreendimento foi inaugurado em 25 de junho de 1899, conforme noticiado com entusiasmo pela imprensa curitibana:

Magnífica estive a festa inaugural do Jockey Club Paranaense. Recentemente acabado é incomparavelmente superior ao que tínhamos até então, pois além de ter posição mais bella e cômoda, dispondo de confortável archibancada, com pavilhão ao centro para autoridades, ampla e bem nivellada raia, offerece um conjunto elengatissimo. (A REPUBLICA, 27/06/1899, p.1).

O novo hipódromo seria o lócus ideal para a construção do sentimento civilizatório, um lugar de sociabilidade que visava criar um sentido de distinção, muito caro às elites curitibanas do período. Afinal, era preciso copiar os principais centros urbanos do país e do mundo. O “Frontão Curitybano” também buscou se modernizar e melhorar suas instalações, sempre reformando e oferecendo divertimentos ao seu público, entretenimentos estes que iam para além da oferta de um jogo de Pelota Basca. Na ocasião da inauguração de suas novidades, era comum um acontecimento desse porte ser acompanhado de diversas festividades. O objetivo era o de celebrar importantes aspectos da modernidade, como por exemplo a iluminação artificial.

Inaugurou-se hontem, á noite, no Frontão o <<bilhar grego>>. Houve bastante concurrencia e foram feitas muitas apostas, havendo poules de grande quantia. O salão está arranjado com muito gosto e é iluminado a gazacetylose. Durante as apostas tocou uma banda de musica. Hoje haverá funcção na mesma hora. (DIÁRIO DA TARDE, 26/09/1899, p. 2).

Como indica a nota, o “Frontão” desejava se consolidar como um importante

símbolo da modernidade; um marco da engenharia, da arquitetura; um lugar para os indivíduos verem, serem vistos e acompanharem um dos mais novos fenômenos da modernidade europeia: os divertimentos esportivos.

Bonitas festas prepara e empreza do Frontão Curitybano para o próximo domingo. Nesse dia inaugurar-se-á a parede nova que se acha optimamente construida com grossa argamassa de cimento sobre 47.000 tijolos que nella foram gastos. Há dois mezes que no frontão trabalham diversos operarios noite e dia, sem cessar, e se hoje o frontão esta prompto para o jogo de pelota é isso devido ao esforço incessante dos trabalhadores que em tão pouco tempo, reformaram aquelle estabelecimento. Esses trabalhos foram feitos sob a habil direcção dos artistas Mauricio Thá e Lorenço Paroli. A cancha foi reformada e os camarotes estão resguardados por uma rêde de arames. O frontão mede 66 metros de cumprimento ficando assim o maior frontão da America do Sul, segundo opinião dos entendidos. (DIÁRIO DA TARDE, 29/12/1899, p.1).

Embora o “Frontão Curitybano” tenha desempenhado um importante papel na difusão de inúmeros signos da modernidade, foi o “Jockey Club do Paraná” que contribuiu na extrapolação destes elementos para além do seu espaço físico, visto que, devido ao “Prado do Guabirota”, novos elementos foram criados dentro da malha urbana:

Jockey Club

No domingo próximo, será publicada inscripção para as grandes corridas do dia 18 deste, no Jockey Club. Nesse dia inaugurar-se à linha de bonds para o Prado. Sabemos que a directoria esforça-se por apresentar uma festa digna a que compareceram autoridades militares e Estaduaes e representantes da imprensa. (DIÁRIO DA TARDE, 09/06/1899, p.2 – grifos meus).

O hipódromo era frequentado por autoridades políticas, militares, jornalistas, bem como importantes membros das elites locais, modelo copiado dos Prados do Rio de Janeiro:

Jockey Club

Muito animadas estiveram hontem as corridas no Prado do Jockey Club. As archibancadas estavam cheias de famílias da nossa maior sociedade, notando-se em todas as physionomias regozijo communicativo. No pateo fronteiro, repleto de cavalheiros, tocava a banda de musica do 14 regimento de cavallaria. O exmo. sr. dr. governador do estado, juntamente com seus secretários, assistiu também a corrida. (...) Grande foi o movimento de bonds da cidade para o prado, correndo os carros com regularidade de dez em dez minutos. (DIÁRIO DA TARDE, 04/09/1899, p.2).

Apesar de a Pelota Basca não ter tido a mesma importância do Turfe, o jogo basco também reproduzia o sentimento de distinção social. Era comum encontrar notícias nos jornais curitibanos, realçando os comportamentos civilizados dos indivíduos que frequentavam o “Frontão Curitybano”. Entretanto, se no Turfe o controle em relação aos comportamentos se centrava somente na figura dos espectadores, a Pelota Basca começou a extrapolar essa condição para além dos assistentes das partidas.

Produzindo imagens idealizadas: o espectador e o esportista

Para entender a diferença entre os espaços, é preciso primeiramente compreender como era a imagem dos donos dos espetáculos. Segundo aponta Melo (2001), as grandes estrelas turfísticas não eram os que conduziam os cavalos, e sim os donos dos animais. Ser proprietário de um animal campeão e/ou de destaque era um importante símbolo de distinção social. Simbologias como esta também estiveram presentes no “Prado do Guabirota”, afinal, os proprietários paranaenses buscavam melhorar a qualidade do espetáculo apresentado, investindo no aumento do quilate dos animais a participarem das provas.

O desejo em ver desfilarem no Prado animais mais preparados, fortes e campeões, era uma aspiração dos seus frequentadores. Estes cavalos, além de proporcionarem um espetáculo mais belo e competitivo, trariam mais público ao hipódromo – fato que incrementaria as apostas, aumentando consideravelmente os lucros com os *poules*. Contudo, o principal ponto é que estes animais poderiam trazer mais respeito e reconhecimento social aos seus proprietários, levando-os a alcançarem um maior destaque na sociedade curitibana do período. Assim, sempre que havia a presença de novos cavalos, tal ocorrência era divulgada com entusiasmo nos jornais curitibanos: “Sabemos que ha grande animação para essas corridas, nas quaes também tomaram parte pela primeira vez animaes novos, não conhecidos em nosso prado.” (DIÁRIO DA TARDE, 17/08/1899, p.1). As idas e vindas de cavalos, entre os principais prados da América do Sul, era uma característica marcante na busca da melhora do espetáculo oferecido. Se no Jockey vinham cavalos de praças mais desenvolvidas, no Frontão era comum a vinda de pelotários de centros maiores: “Sabemos que a Empreza do Frontão contractou no Rio de Janeiro mais um pelletário de 1ª. ordem que chegará

brevemente a esta capital”. (DIÁRIO DA TARDE, 21/06/1899, p.1).

A distinção não ficava restrita a estes pontos, os indivíduos que frequentavam o Prado já nas vestimentas buscavam um símbolo de *status*, pois geralmente trajavam roupas ao padrão europeu. Os homens, com seus chapéus, bengalas, ternos e fraques; e as mulheres, por sua vez, desfilando os mais finos *toilets* de acordo com a última moda do Rio de Janeiro e Paris. Como pode ser visto, a figura central nesse cenário não eram os animais nem os condutores. O autocontrole e a disciplina corporal eram exigidos por parte de quem assistia ao espetáculo. O mesmo acontecia no “Frontão Curitybano”. Tanto o Turfe como a Pelota Basca combinavam com o momento do Brasil, pois não representavam uma ruptura completa com a repulsa que havia pela sociedade brasileira aos esforços físicos².

Capraro (2004) corrobora com tais questões, indicando que o “Jockey Club do Paraná” organizava seus páreos, oferecendo toda a estrutura necessária às exigências da “fina” sociedade curitibana. Assim, todo o *glamour* das elites em busca da distinção social podia ser observado nas festividades realizadas no hipódromo. Moletta Júnior (2009) lembra que um dia concorrido levava quase 3.000 espectadores às dependências do Prado. Tratava-se de um número significativo, visto que a população da cidade, no início do século XX, girava em torno de 60.000 habitantes. Era sempre sobre os assistentes das corridas que os olhares civilizatórios incidiam.

(...) Dada a partida em magnifica occasião, pulou na ponta a soberba potranca ingleza Lady-Cil vencendo o seu competidor de ponta a ponta em magnifico estylo, demonstrado assim as suas soberbas qualidades de parheira de classe. Não fosse um pequeno incidente desagradável provocado pelos partidários do cavallo vencido, e o modo de agir de quem pelas funções tinha a restricta obrigação de proceder energicamente contra os agressores, poderíamos dizer com toda a franquesa que foi esta a melhor e mais concorrida festividade organizada pela Sociedade. Mas, cumpre-nos esperar que providencias enérgicas evitem que factos como de hontem se reproduzam. (GAZETA DO POVO, 24/03/1919, p.3).

As confusões geradas, em virtude dos resultados da corrida, eram denominadas

2 Vigarello (1999, p.89), ao estudar o contexto europeu, afirma que certas práticas corporais gradativamente se transformam em meios para se adquirir saúde, praticar exercícios e respirar ar puro, tornando-se, no imaginário, ações salubres. O autor argumenta que, anteriormente, os exercícios físicos eram vistos como algo violento e perigoso, que aquece o sangue e o enfraquece; além disso, Vigarello lembra que a turbulência e a agitação provocadas pelos exercícios poderiam apodrecer os humores e acender as febres, fragilizando o corpo e expondo-o aos ares maus.

de “tribofes”. (MELO, 2001, p.114). Os jornais curitibanos sempre condenavam estas confusões. A estigmatização a estas atitudes tratava-se de uma importante ferramenta pedagógica, visto que visava conformar os frequentadores a todo um dispositivo institucional; ou seja, aqueles que não possuíam um autocontrole corporal necessitavam ser educados para que pudessem fazer parte do espetáculo. Contudo, esse dispositivo tinha uma condição paradoxal, pois, ao mesmo tempo em que pretendia normalizar, produzia uma individualização, já que ressaltava as características sociais consideradas distintas e dignas de *status*, condenando os comportamentos que quebravam a “harmonia”. Sendo assim, tal mecanismo, que visava uniformizar as ações, acabavam por realizar também a produção de uma diferenciação social. Para alcançar a distinção e evitar que os espectadores cometessem atos incivilizados era preciso regrar tais práticas. O estabelecimento de regulamentos universais seria uma marca de civilização, que tanto o Turfe como a Pelota deveriam colocar em suas jornadas esportivas:

Decididamente o Frontão Curitybano vai em mar de prosperidade sob a habil gerencia do sr. Gadotti. As quiniellas são alli disputadas com muita pericia, os juízes de partida são rectos, de modo que todos confiam cegamente nos seus palpites, certos de que só não ganharão quando a sorte lhe estiver adversa. É por isso que alli ha sempre concurrencia. Hontem, por exemplo, o Frontão apresentava um bonito aspecto, de tal modo estava repleto de espectadores. Foram disputadas 26 quiniellas e essas, sem incidente algum, deram o bonito resultado. (DIÁRIO DA TARDE, 23/10/1899, p.1).

As regras eram eixos centrais para que estes divertimentos fossem verdadeiras marcas de distinção. Regras bem determinadas, pessoal especializado e juízes preparados para desenvolver as jornadas esportivas eram essenciais para o bom andamento de práticas que pretendiam ser civilizadas. Elias e Dunning (1995) indicam que um quadro de regras sempre é orientado por uma suposta noção de igualdade de oportunidade e justiça, associada a uma constante vigilância aos códigos de conduta, fatores que exigem dos indivíduos todo um autocontrole para fazer das jornadas esportivas um importante elemento do processo civilizador. Ainda mais que, tanto no Prado como no Frontão, acontecia um grande volume de apostas e, para não ocorrer distúrbios e confusões, regras bem estabelecidas e árbitros bem preparados eram condições primordiais para o bom andamento das jornadas esportivas.

Se as apostas foram fundamentais para ajudar a emergência esportiva, elas acabaram se tornando, conforme aponta Melo (2001, p.169), “o calcanhar de aquiles do

esporte”. O hábito de jogar a dinheiro, muito comum nas corridas de cavalo e nas *quiniellas*, marcaram negativamente a imagem destes esportes no Brasil. O Turfe “até hoje é considerado mais como um jogo do que um esporte propriamente dito” (MELO, 2001, p.169) e a Pelota Basca, conforme já salientado, foi proibida por lei em 1941. Contudo, se o Turfe cria uma imagem idealizada de espectador, a Pelota Basca começa a expandir essa questão para a figura do praticante. Esta movimentação era, segundo aponta Melo (2001), uma forma de o esporte de origem basca se afastar do universo da jogatina e se aproximar de um discurso tangente à cultura atlética e da saúde:

Os jogos de frontões participam da natureza dos jogos athleticos tais como a pelota; esses jogos tendem a desenvolver as forças corporeas, a dar maior vigor à musculatura, como meios da educação physica, não pode ser considerado de azar porque a lei (art. 370 do Código Penal) só considera taes aquelles em que o ganho e a perda dependem exclusivamente da sorte, e nestes o êxito depende da destreza e robustez dos jogadores... (PEREIRA *apud* MELO, 2001, p. 178-179).

Se no Turfe a figura central era o proprietário dos cavalos, na Pelota Basca era o pelotário. Devido a esta questão passou a ser exigido todo um código de conduta, de autocontrole e disciplina dos pelotários; ou seja, a distinção social não se restringia somente ao público, agora a figura do esportista começa a ganhar mais visibilidade em Curitiba:

Hontem no Frontão, na ocasião em que o pelotario Agote jogava a pelota esta foi bater à cabeça de um espectador que cahiu sem sentidos, voltando à si dahi a alguns minutos. Ficou bastante ferido. Esse pelotario jogou a pelota com muita precipitação e raiva por estar atrasado em alguns pontos na partida em que jogava. (DIÁRIO DA TARDE, 15/05/1899, p.1).

Era exigido, por parte dos participantes, seguir uma série de condutas. O esportista não poderia se precipitar, tinha que desenvolver todo um aparato de autocontrole, pois, caso não não seria digno de participar das jornadas esportivas. Porém, a continuação do fato, publicada alguns dias depois, acaba por relacionar o comportamento do esportista com o do espectador.

Há dias noticiou o Diario da Tarde o facto de ter sido ferido no Frontão um espectador por uma pelota mal e precipitamente jogada. Essa pelota que fôra bater na cabeça do espectador, cujo nome é Francisco Matuscheski, derrubou-o sem sentidos. Pois esse homem que em má hora fôra ao Frontão divertir-se acha-se grantemente enfermo devido ao choque recebido (...) Os

espectadores (...) se devem acautelar durante o tempo de disputa das quiniellas, pois o exemplo que acaba de apparecer prova sobejamente que ha alli pelotários que não dispoem da necessaria perícia. O ferido foi hontem examinado pelo médico legista, por ter sido levado a conhecimento da polícia o grave estado de Matuscheski, que é um homem pobre e de nacionalidade polaca. (DIÁRIO DA TARDE, 19/05/1899, p.2).

A notícia mostra quais eram os modelos de comportamento exigidos num espetáculo esportivo. A matéria indica que, apesar da condenável imperícia do pelotário, o indivíduo que assistia também não tinha os requisitos básicos para usufruir desse importante símbolo da urbanidade. O texto deixa em suas entrelinhas que o espectador não sabia se portar, pois era pobre e de origem polonesa – tanto que o termo depreciativo “polaco” foi utilizado, ou seja, não tinha uma educação adequada para fazer parte dum evento esportivo. Assim, não bastava somente conhecer as regras e cumpri-las, era condição *sine quena non* para um bom andamento das partidas que os esportistas tivessem todo um complexo esquema corporal:

Hontem, no Frontão Curitybano, quando era disputada a 5ª. quiniella jogavam a pelota Larranaga e Guichou. Este último aparando a pelota jogou-a. Esta, porém, foi bater no rosto de Larranaga derrubando-o por terra em continente e de tal modo ferido foi dalli transportado em carro para a sua residência. É já a segunda vez que isso succede a Larranaga que aliáz é um dos bons pelotários do Frontão. (DIÁRIO DA TARDE, 20/07/1899, p.2).

Os esportistas sem autocontrole dos seus movimentos não poderiam participar desse novo espetáculo moderno. Em contrapartida, quando um indivíduo se destacava nas partidas, suas *performances* eram exaltadas, afinal, era um símbolo de autocontrole:

Hontem, no Frontão Curitybano, o pelotario Guichou ganhou as duas quiniellas de ponta a ponta; tirando o 1º. lugar na 3ª. Quiniella fez dois pontos seguidos, ate alcançando nesta o 2º. lugar e na quarta o 1º. Decididamente é um pelotario de 1ª. ordem. (DIÁRIO DA TARDE, 05/08/1899, p.2).

Apesar de a Pelota Basca produzir a imagem do esportista de uma forma muito mais contundente que o Turfe foi no espaço do Prado que o discurso, que valorizava o praticante de exercícios físicos, foi enfatizado com mais força em Curitiba.

O Início da difusão da cultura física: o Prado como instituição irradiadora

Lucena e Melo (2001) lembram que os esportes preferidos pelo público brasileiro, principalmente no Rio de Janeiro, até então, eram o Turfe e o Remo. O primeiro era o passatempo predileto de indivíduos que não se envolviam diretamente com as provas. Praticar exercícios físicos ainda era visto pela sociedade brasileira com desconfiança, como algo menor que poderia inclusive prejudicar o bom funcionamento do corpo. Os autores lembram que, na capital do Brasil, foi somente com o Remo que aos poucos se instalou um sentimento que valorizava a cultura física. O Remo seria o maior representante da modernidade aquele tinha relação com o indivíduo audaz, conquistador e vencedor. Era por meio do esporte que se representava ao mesmo tempo saúde, beleza e utilidade de uma juventude ativa e forte.

Na capital paranaense, tal modelo não se reproduziu exatamente como na cidade do Rio de Janeiro. Apesar da aparente diferença entre os valores do Turfe e a valorização de uma cultura física, foi por meio do “Jockey Club do Paraná” que ocorreu a difusão destes anseios em Curitiba. Capraro (2004) lembra que as “festas sportivas”, realizadas no “Prado do Guabiro tuba”, foram marcantes no processo de introdução de outras modalidades na cidade.

No caso de Curitiba, é possível afirmar que o hábito de andar de bicicletas era comum. Não raro, podia-se encontrar nas páginas dos jornais curitibanos anúncios de estabelecimentos que vendiam bicicletas. Contudo, somente com a vinculação do ciclismo nas primeiras festas esportivas realizadas no Prado, é que a modalidade foi alçada à condição mais próxima do formato esportivo. Outra prática muito comum nas dependências do “Prado do Guabiro tuba” foi o Tiro. Assim como outras práticas, buscava primeiramente ser um divertimento que agregava aos seus praticantes, assim como os frequentadores do Prado, um símbolo de distinção social, um modelo condizente aos grandes centros da Europa: “Na pista do Jockey Club, realizar-se àmanha o <<concurso>> de tiro aos pombos, genero *sport* que em Paris, em Monte Carlo etc. é o *mot d’orde* do mundo elegante. (DIÁRIO DA TARDE, 08/04/1905, p.1).

Outras agremiações também trouxeram novas manifestações esportivas ao conhecimento da população de Curitiba, e o espaço do “Jockey” foi o local onde estas foram apresentadas aos habitantes da cidade. Capraro (2004) lembra que foi nas

dependências do “Prado do Guabirota” que o esporte mais popular do país, o futebol, passou a ser mais visível aos curitibanos, pois os primeiros *matches* do esporte bretão, realizados na década de 1910, foram disputados no hipódromo.

Pode-se afirmar que o Turfe deu o suporte necessário para que outras práticas como o ciclismo, o atletismo e principalmente o futebol, tivessem condições de serem conhecidas e praticadas em Curitiba. Geralmente, tais divertimentos esportivos eram praticados por um grupo de jovens da elite e/ou de descendentes de imigrantes europeus. Estes indivíduos eram considerados empreendedores, pois não se conformavam mais em ser apenas espectadores. Estavam sintonizados com os novos valores urbanos, nos quais a cultura física e os exercícios passavam a ser um elemento fundamental na nova vida que ia se constituindo nas cidades.

A sociedade desportiva Internacional Foot Ball Club, não há dúvida, é núcleo de moços que, visando desenvolver o physico, tudo envida para transformar os seus associados em homens capazes de entrar sorrindo na luta allucinada da vida. E, assim sendo, aquella associação não poupa esforços para alcançar o seu definitivo desenvolvimento. (DIÁRIO DA TARDE, 12/08/1912, p. 4 – grifos meus).

Apesar de o Turfe representar uma sociedade mais aristocrática e tradicional, ligada a uma elite agrária, tal modalidade não impediu, conforme aponta Melo (2001), o desenvolvimento de outras práticas esportivas consideradas mais urbanas. Capraro (2004), ao estudar os primórdios do futebol paranaense, salienta que em Curitiba tal situação aconteceu de fato, já que, mesmo que este grupo de jovens conseguisse um local apropriado para a prática do futebol, dificilmente teriam condições de financiar a construção de arquibancadas para abrigar os espectadores dos seus *matches*. Molleta Júnior (2009) indica que esse era o caso do tradicional Curitiba Futebol Clube, entidade de origem germânica fundada em 1909. Esse clube era derivado da associação de ginástica *Turnverein*, e foi criado com o intuito de que os moços da comunidade alemã pudessem praticar o futebol. O autor lembra que, desde a data de fundação dessa agremiação, o “Jockey” foi reportado como o local que seria o “*ground*” da equipe germânica. Se uma das equipes que iria consolidar o futebol em Curitiba nasce de uma entidade ginástica de origem alemã, o outro principal time da cidade, o Internacional, foi gestado nas dependências do Prado. Suas primeiras reuniões e jogos também foram realizados nas dependências do Prado, e seu primeiro presidente, Joaquim Américo,

fazia parte da diretoria do “Jockey”. Capraro (2004) lembra que a criação deste clube foi uma estratégia dos jovens da elite local para disputar o poder com as associações imigrantes, que tinham, até então, a prerrogativa de praticar o futebol. O autor salienta que vários dos membros que fundaram o Internacional eram sócios do Coritiba, que, incomodados com o fato de se sujeitarem às normas da associação germânica, acabaram por criar sua própria associação futebolística.

Sendo assim, é possível afirmar que foi no hipódromo que uma nova forma de enxergar a cultura física se consolidou na cidade. Como apenas o “Prado do Guabirotuba” tinha arquibancadas foi-lhes cedido o hipódromo. Para que os jogos acontecessem, bastaria que o gramado, que ficava no centro da pista de corrida, fosse adaptado às condições para a disputa dos *matches*. Capraro (2004) salienta que os jogos eram, em sua maioria, marcados nos mesmos dias dos páreos, garantindo a presença do público que vinha com a intenção de ver as corridas de cavalos. Essa ligação entre Turfe e Futebol, segundo aponta o autor era a união entre o útil e o agradável. Os jovens praticavam o futebol e o público que se dirigia ao Prado tinha um divertimento a mais na sua programação dominical.

As partidas de futebol, ocorridas no Prado, tornaram-se um importante aspecto da sociabilidade curitibana do período. Uma notícia publicada, por ocasião do encontro entre os *teams* do Coritiba e Ponta Grossa, mostra toda a celebração envolvida nos *matches*:

A comitiva pontagrossense compunha-se dos srs. Major José Miro de Freitas, capitão Fernando Bittencourt, Frederico Tross, Atílio Palermo, João Dors, Franklin Silva Jardim, Targino Silva, Florêncio Monteiro, Jose Salvador, Aníbal Silva, Roland Ayres, Januário Parrigi, Arcezio Braga, Nestor de Almeida, Debut, João Muniz, Flavio Guimarães, David Pellizzani, Antonio Gomes, João Hoffmann Junior, Manoel Correa. NO PRADO, foi uma das festas realizadas no Prado do Jockey Club Paranaense que maior numero de assintentes ali attrahiu. As archibancadas estavam completamente ocupadas por senhoras e sehoritas e assim também as áreas que circulavam o pavilhão, onde mais de mil cavalheiros se entrecruzavam ansiosos pelo momento do grande match que ia se realizar. Ao meio dia chegaram os primeiros bonds conduzindo os teans que iam entrar em luta e muitos convidados, começando a essa hora, a affluencia de povo aquelle ponto em festas, affluencia que se fez notável até á tarde. Em obediência ao programa, realizaram-se as corridas de bycicletas e a pé, sendo vencedores da 1 turma o sr. Edmundo Hey Junior. A segunda corrida foi a pé, disputada em 200 metros e saindo vencedor Brasilio Scheka. A terceira turma de bycicleta, correo 1500 metros, chegando em primeiro lugar Erotides Calberg, e em 2 E. Hauer. O quarto páreo em 4500 metros foi disputado apenas por Viciente Pinheiro, Pedro Cunha, A. Weigert e Erotides Calberg. Chegara então à hora do match, anciosamente esperado. O

MATCH. O Ground, bastante humido e com terra fofa, estava pesado e perigoso, entretando os lutadores mostraram entusiasmos, ao signal de formação dado pelo refere sr. Wilson. A inauguração do campo foi feita pela uma comissão de moças, composta das senhoritas Elly Franck, Martha Koch, Margarida Hey e Adelaide Glaser, as quaes alçaram ao mastro central do pavilhão verde e branco do Coritiba Foot Ball Club, tocando por essa ocasião, o hymno social. (DIÁRIO DA TARDE, 13/06/1910, s.p.).

Se o futebol era uma das atividades a ser realizada antes das corridas de cavalo, agora essa demonstração da cultura atlética era precedida por demonstrações de outras práticas:

Ocorreu com entusiasmo a festa sportiva realizada hontem no Prado do Jockey Club e promovida pelo Coritiba Foot Ball Club. (...) A's 2 horas da tarde as archibancadas do Prado estavam repletas realizando-se então a primeira corrida a pé, em 200 metros no qual tomaram parte oito sócios do club. Disputada com ardor essa corrida, sahiu vencedor o sr. Otto Amhof, que foi aclamado pelos espectadores, conquistando o lindo premio de um copo de prata. Em seguida realisou-se a corrida de bicycletas em 3000 metros, tomando parte nella Edmundo Hey Junior, Ricardo Koch, Miguel Sprada e Kurt Hermann. Esta corrida despertou entusiasmo, havendo regular venda de poules. Edmundo Hey na segunda volta foi tomando distancia na frente, entrando na recta perseguido por Koch. Voltando-se para observar os que seguiam, perdeu o equilibrio, cahindo da bicycleta. Rapidamente montou e retomou carreira, chegando ainda em 1º lugar, sob aclamações dos assistentes e segundo de Koch, que obteve 2º lugar. Os pemeos dos vencedores constan medalhas de prata e bronze. No programa constava outra corrida a pe com obstáculos a 800 metros. Grande interesse despertava essa corrida de resistência, tomando parte nella 14 corredores. Com diversos incidentes ela se realizou, chegando ponto a ponto os srs. Walter Diettrich e Bertasoni Colle. Os juizes deram a corrida por empatada, ficando acordada outra corrida em desafio entre os dois, a realisar-se no próximo domingo. Nessa corrida Emil Koch virou o pé ao saltar uma canaleta e Leopoldo e Labasch acabaram atolando na mesma valera. Na ultima corrida de bicycletas em 6000 metros, garbosa e francamente, E. Calberg, que correu sem aperto com Hermann, Koch e Koehler. Erothides Calberg, nas ultimas corridas de bicycletas em junho foi o campeão do grande páreo, sahindo mais uma vez triumphante, recebendo medalha de ouro, Kurt Hermman embora distanciado, tomou o 2º lugar, recebendo uma medalha de prata. (...) Teve então inicio o match de desafio entre o team Branco e o Verde, daquelle Club. O referee, sr. R. Ayres, entrando no campo com competentes, deu-lhes as posições e assignou a sahida, que coube aos verdes. (...) O baile que o Curityba Foo-Ball Club realisou nos salões da Sociedade Sãgerbond correu com brilho, havendo notavel concorrência. Antes de começara as dansas, o vicepresidente do club, sr. Generoso Borges fez a distribuição dos prêmios aos vencedores das corridas, congratulando-se com os associados pelo brilhantismo do festival. Ate alta madrugada as dansas eram animadas (DIÁRIO DA TARDE, 21/11/1910, s.p.).

Foi nesse contexto que o “Prado do Gabirotuba” cumpriu a função de ajudar a difundir outras atividades esportivas, consolidando o dispositivo esportivo na capital paranaense.

Considerações Finais

Como foi visto tanto a Pelota basca como as festas esportivas realizadas no “*Jockey*” ajudaram na difusão das práticas esportivas em Curitiba. Foram que os esportes foram deixando de ter uma ligação com o universo da jogatina e se aproximam mais aos ditames da cultura física e a prática de exercícios físicos.

Os praticantes passaram a ser mais valorizados, símbolo do domínio do corpo, pois para realizar suas extraordinárias proezas e *performances* atléticas necessitavam ter seus corpos disciplinados, energizados e dotados de força. E, entre estas prescrições, estava a prática de exercícios físicos, principalmente as esportivas, visto que tal atividade tinha um importante aspecto moral, pois poderia energizar o caráter dos seus praticantes.

Fontes

- A República**, 27 de junho de 1899, p.1.
Dezenove de Dezembro, 31/01/1874. p.1
Diário da Tarde, de 15 de maio de 1899. p.1.
Diário da Tarde, de 19 de maio de 1899. p.2.
Diário da Tarde, de 9 de junho de 1899. p.2.
Diário da Tarde, de 21 de junho de 1899. p.2.
Diário da Tarde, de 14 de junho de 1899. p.2.
Diário da Tarde, de 20 de julho de 1899. p.2.
Diário da Tarde, de 5 de agosto de 1899. p.2.
Diário da Tarde, de 17 de agosto de 1899. p.1.
Diário da Tarde, de 4 de setembro de 1899. p.2.
Diário da Tarde, de 26 de setembro de 1899. p.2.
Diário da Tarde, de 23 de outubro de 1899. p.2.
Diário da Tarde, de 29 de dezembro de 1899, p.1.
Diário da Tarde, de 17 de março de 1900. p.1.
Diário da Tarde, de 1º. de abril de 1901. p.1.
Diário da Tarde, de 8 de abril de 1905. p.1.
Diário da Tarde, de 13 de junho de 1910. s.p.

Diário da Tarde, de 21 de novembro de 1910. s.p.

Diário da Tarde, 12 de agosto de 1912. p.4.

Gazeta do Povo, de 24 de março de 1919, p.3.

GÓES E VASCONCELLOS, Zacarias de. **Relatorio do Vice-Presidente da Provincia do Província na abertura da 2ª. Sessão da 10ª. Legislatura da Assembleia Legislativa Provincial em 17 de fevereiro de 1873**. Curitiba: Typ. Paranaense de Candido Martins Lopes, 1854.

Referências Bibliográficas

CAPRARO, André Mendes. **O football das elites – Uma Micro-História sobre a Gênese do Futebol Paranaense**. Curitiba, documento mimeografado, 2004.

ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. **Deporte y ocio em el processo de la civilización**. México, FCE, 1995.

LUCENA, Ricardo. **Esporte na cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro**. Campinas: Autores Associados, 2001.

MARCASSA, João. **Curitiba essa velha desconhecida**. Curitiba: Refipar, 1989.

MELLO, Victor Andrade de. **Cidade “sportiva”**: primórdios do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/Faperj, 2001.

MOLLETA JÚNIOR, Celso. **Futebol e formação do espaço público no contexto da fundação do Curitiba Football Club (1900-1915)**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2009. 128f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, 2009.

VIGARELLO, Georges. **História das Práticas de Saúde: a saúde e a doença desde a Idade Média**. Lisboa: Editorial Noticias, 1999.